

TEXTO: UMA QUESTÃO DE LEITURA

Ana Luiza ARTIAGA R. DA MOTTA
(analuizart@terra.com.br)

(Unemat/Unicamp-Pós Graduação)

Neste trabalho pretendemos, a partir de análises, discutir os *gestos de leitura*, os efeitos da sobreposição discursiva entre o texto verbal e o não-verbal exposto na espacialidade urbana da cidade de Cáceres - Mato Grosso.

Nessa direção, tomar o texto na perspectiva teórica da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e colaboradores, significa pensá-lo em sua dispersão no modo de significação do discurso, neste caso, o discurso ecológico sobre a preservação do peixe, do Rio Paraguai.

A questão que se coloca é: como o discurso sobre a conscientização e a preservação ecológica se apresenta nesses textos verbal e o não-verbal? Que reversibilidade¹ esse material simbólico que é fixado em distintos lugares da cidade como praças, escola, postos de gasolina, Fundação Estadual de Meio Ambiente, IBAMA, Colônia de Pescadores entre outros locais contribuem para uma política educacional do homem com o ambiente em suas ações cotidianas?

É nessa constituição discursiva sobre o discurso ecológico que buscamos compreender os *gestos de leitura, de interpretação* que se produz nessa relação *citadina* do sujeito com o espaço urbano, o ecológico em distintas materialidades. Como se sabe a Análise de Discurso diferentemente da Linguística *aceita a existência de diferentes linguagens* e as discute teoricamente dada à materialidade que as constitui. Todavia é pela prática de leitura, que se observa e questiona as tipologias de textos. Ou seja, discute a complexidade das diferentes materialidades. Ao falarmos sobre as diferenças as compreendemos como constitutiva a todo texto que em sua tessitura significa tanto a ordem do discurso – o funcionamento – tanto quanto a organização do texto – a produção, a forma material.

É a partir dessas distinções, dos limites entre este e aquele texto que pensamos nesta reflexão sobre o texto verbal e o não-verbal que circulam, como já dissemos na cidade de Cáceres – MT; exposto pela Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEMA no período da piracema entre os meses de novembro a fevereiro/2005. Tomemos como análise o texto não-verbal.

¹ Sobre Reversibilidade ver Orlandi (1996) em *A Linguagem e seu Funcionamento*.



O texto acima mostra a fotografia, a imagem de uma lata aberta com alguns peixes que evidenciam a ausência do peixe fresco, da preservação do pescado. O texto não-verbal inscreve-se em uma formação discursiva do discurso ecológico e não outra, *reverberando sentidos* sobre a não variedade de espécimes de peixes, a relação do homem com o ambiente. Ou seja, o que se tem como produto final, comum é a sardinha, o peixe enlatado, industrializado. Em outras palavras o texto silencia na espessura das cores, das imagens o efeito de sentido do dizer sobre a preservação do peixe, do rio. Há uma inversão de valores o natural ao artificial.

Por outro lado, os sentidos não se fecham por tratar-se de uma prática de análise discursiva, cuja resposta não é de maneira uniforme ou ingênua dada a não transparência da língua, do sentido. A propósito há efeitos de sentido, *gestos de leitura* na opacidade do texto.

Em paralelo ao texto não-verbal tem-se o enunciado: **“Sem carteira de pescador não tem peixe fresco”**. Para Pêcheux:

A materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo – e nesta medida os objetos lingüísticos e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa daí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambigüidade são constitutivas da língua, e é por aí que a questão do sentido surge no interior da sintaxe. (1997,62)

Nesse aspecto o que essa organização sintática da língua, a ordem do discurso nos faz compreender? O que está funcionando em termos de discurso ecológico, conscientização, preservação e cidadania no enunciado “Sem carteira de pescador não tem peixe fresco?”

Podemos dizer que há uma efervescência de sentidos, no jogo da língua na materialidade simbólica nos textos verbal e o não-verbal. De outro lado, é pela opacidade e naturalização da língua nos múltiplos tipos de textos que dizem sobre o discurso ambiental em forma de cartazes, de outdoor, pinturas, fotografias entre outros que o sentido do texto, neste caso, o ecológico, perde-se, não se questiona a materialidade do

que se estampa, ao contrário, esvaece e o texto é só mais um cartaz no perímetro urbano. Conforme Orlandi.

o sentido tem uma materialidade própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria materialidade simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e a sua consistência significativa. (1995, 39).

Isto nos permite dizer que é a relação de observação, do analista com a pesquisa, com o *corpus* que propicia a compreensão do que se lê e como se lê as distintas materialidades. Retomando Orlandi (1996,45) *parte-se do princípio de que há um real da língua e um real da história, e o trabalho do analista é justamente compreender a relação entre essas duas ordens de real.*

Dessa forma, estes textos em análise dizem de um lugar institucionalizado sobre a relação do sujeito com o rio Paraguai no uso da carteira de pescador e de seus pescados. O discurso ecológico reverbera sentido no discurso jurídico, já que há pesos, medidas e períodos próprios às pescas tanto amadoras, esportivas, profissional ou científica regulamentados na Lei de Pesca do Estado de Mato Grosso.

Assim, a Fundação Estadual do Meio Ambiente - FEMA funciona como o porta-voz do/no Estado ancorando-se no discurso jurídico. É nesse espaço simbólico que a cidade enquanto *corpo significativo*² oferece tanto ao urbano como ao rural informação, limites de sentido sobre como “manter” a piscosidade. Já que a idéia de preservação nos remete a deslize de sentidos, ao efeito metafórico de conservação, manutenção. Todavia como enfatiza Rama (1985,26) “não é possível ler a sociedade ao ler o mapa de uma cidade”. Ou seja, são práticas distintas. Há o real da cidade e a cidade imaginária invisível, a do plano diretor da Prefeitura, dos projetos arquitetônicos. Sendo que o resultado da primeira cidade não cabe na segunda, na cidade dos letrados, ou como diz Rama (*idem*) *A Cidade das Letras*. Ou ainda, há organizações distintas, com distintas posições de sujeito, com distintas formações discursivas e ideológicas.

Por que tal questionamento? Por que a cidade enquanto espaço político institucionalizado torna-se o *recipiente, o imã* (ROLNIK, 1995) dos discursos. Nesse sentido, o discurso ecológico sobre conscientização e preservação, escapa, no real da cidade que não o sustenta nas reais condições de produção. Há falta de saneamento básico, tratamento de esgoto que são projetados no leito do rio Paraguai. E isto tem a ver com saúde pública, relação do homem com a natureza, com conscientização e preservação.

Daí esta escrita se debruçar sobre o tecido dos textos ecológicos figurativos dos outdoors, dos cartazes que tecem sobre o espaço urbano, no que concerne à conscientização e a preservação. Em outras palavras há uma sentinela discursiva a postos para que o outro a signifique no real da cidade. Entretanto não há, a nosso ver, uma consciência sobre a preservação do peixe no rio, de respeito à medida para o pescado.

² A cidade como *corpo significativo* é uma reflexão de Orlandi (2001) no livro *Cidade Atravessada*.

Há uma ordem jurídica instaurada ao fio do discurso ecológico nos textos em análise. Ou seja, o homem convive com faltas como compreendê-las entrelaçadas entre a ordem do discurso ecológico e a organização da cidade?

Nesse sentido, o dispositivo teórico da Análise de Discurso voltar-se para a relação de leitura, de interpretação de diferentes textos. E é nesse intervalo significativo entre o texto de imagem o não-verbal e o verbal que pensamos a reversibilidade, ou seja, a compreensão das distintas materialidades de textos. Pois como se sabe o texto é um produto de um processo e como tal tem um fim, não é neutro em sua materialidade.

Nesta análise observamos que a significação do texto o não-verbal se dá na resistência, no jogo de poder constitutivo do texto verbal. Em outras palavras é como se o texto verbal funcionasse como rubrica do não-verbal, no real da língua e da história.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O lugar da sintaxe no discurso. *In Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. (Org.) Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira. Porto Alegre: RS. Sagra Luzzatto, 1999.

HENRY, Paul. Apêndice: Sentido, Sujeito, Origem. *In Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Uma Prática Intersemiótica. *In Gênese dos Discursos*. Criar, Curitiba, PR, 2005.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: História da Administração Municipal*. Cáceres-MT, 1973.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga, R. da. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Revista Rua*. Nudecri, Labeurb. Campinas: SP.1995.

_____. *Interpretação: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____. “Enfoque lingüístico / discursivo da educação ambiental.” *In: Gaia e Ecoar de Educação Ambiental*, 1996.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. Trallhas e Troços: o flagrante urbano. *In: Cidade Atravessada: os Sentidos Públicos no Espaço Urbano*. Labeurb. Campinas: SP. 2001.

PÉCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

_____. Ler o Arquivo Hoje. *In: Gestos de Leitura: da História no Discurso*. Campinas, SP. UNICAMP, 1997.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. Brasiliense, 1985.

ROLNIK, Raquel. *O Que é Cidade?* Brasiliense, SP. 1988.